

## AS DIFERENTES ABORDAGENS DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM *ORAÇÕES PARA BOBBY* (DIREÇÃO: RUSSELL MULCAHY, 2009)

Josinaldo Monteiro da Silva <sup>1</sup>  
Uriel Mendes Carneiro de Oliveira <sup>2</sup>  
Joseval dos Reis Miranda (Orientador) <sup>3</sup>

### RESUMO

A educação sexual implica, sobretudo, em trabalhar com a dinâmica social a partir das diversas interações cotidianas e das variadas expressões da sexualidade humana. Nesse caso, este trabalho tem como objetivo analisar as diferentes abordagens da educação sexual contidas no filme *Orações para Bobby* (*Prayers for Bobby*, 2009), que foi produzido por Damian Ganczewski, em uma perspectiva bibliográfica qualitativa, tencionando elencar o que a literatura afirma sobre tais abordagens. Para fundamentar nosso estudo, buscamos apoio nas reflexões de Alevato (2012), Furlani (2008), Nunes (2012) e outros, de maneira que possamos compreender os possíveis efeitos que essas abordagens podem provocar no desenvolvimento da sexualidade do ser humano. Sendo assim, adotamos como hipótese o fato de que os problemas relacionados à construção da identidade sexual são possivelmente causados pela prática de uma educação sexual regida por tendências radicais-moralistas-religiosas. No decorrer da análise, ratificaremos ou refutaremos o pressuposto referente aos malefícios de um ensino pautado no radicalismo e/ou conservadorismo alienado. Vale enfatizar ainda que este trabalho justifica-se pela necessidade de se refletir sobre os impactos que determinada abordagem da educação sexual pode provocar na vida do indivíduo, especificamente no tocante a plena expressão de sua sexualidade. Dessa maneira, esperamos que estas reflexões possam ser fruto para uma mudança teórico-prática do docente em sala de aula e da sociedade em geral.

**Palavras-chave:** *Orações para Bobby*. Educação sexual. Diversidade sexual. Preconceito.

### INTRODUÇÃO

A sexualidade humana reflete o aglomerado de comportamentos concernentes à plena satisfação da necessidade e do desejo sexual. Nesse contexto, a educação sexual, como prática educativa, tem como finalidade contribuir para o pleno desenvolvimento dessa sexualidade. A sua importância revela-se no instante em que estereótipos, tabus sexuais, comportamentos deturpados, banalização e quantificação das relações afetivossexuais e disseminação de preconceitos são reproduzidos na sociedade de modo alienado e prejudicial à vida do indivíduo.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e-mail: josinaldo86@hotmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia do Campo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e-mail: carneirouriel@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Centro de Educação - CE no Departamento de Metodologia da Educação - DME. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br

A partir dessa ótica, escolhemos para análise o filme *Orações para Bobby* porque nos provocou o interesse em verificar quais as prováveis abordagens da educação sexual presentes no enredo, partindo do pressuposto de que prevaleceria o radicalismo moral, terapêutico, tradicional e religioso. Tal confirmação ou negação desse fato está fundamentada nas reflexões de Nunes (2012), Furlani (2008), Louro (2018), entre outros. Com isso, apresentaremos, inicialmente, a definição de educação sexual e suas diferentes formas de tratamento no âmbito escolar e na sociedade, mostraremos características e conceitos que possibilitem a compreensão desse tipo de educação e as prováveis influências na construção da sexualidade humana. Logo em seguida, analisaremos o enredo do filme, observando cada cena, os desdobramentos da narrativa e o comportamento das personagens, de maneira que possamos estabelecer as devidas relações com as argumentações dos teóricos que foram selecionados para fundamentar o estudo.

Assim, intencionalmente propomos com este trabalho uma reflexão sobre a educação sexual e suas diferentes abordagens no contexto escolar e social, de modo que contribua para um entendimento qualitativo de uma prática educativa emancipatória enquanto ferramenta que auxilia no desenvolvimento da sexualidade plena, na construção de uma identidade sexual coerente e saudável, no questionamento de padrões alienados e no respeito à diversidade.

## 2 O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual é um processo que tem como intencionalidade educar, auxiliar e orientar os indivíduos a respeito da responsabilidade particular de cada um com o seu corpo, o cuidado no compartilhamento de intimidades e as relações com as outras pessoas. Dentro dessa perspectiva, alguns temas como gravidez na adolescência, aborto, métodos contraceptivos, IST's, entre outros, são relevantes para uma boa compreensão da sexualidade e construção de vivências prazerosas, responsáveis e comunicativas. Referente à educação sexual, Alevato (2012) afirma que,

Educação sexual não é uma “disciplina” à parte. É formação humana que se relaciona não apenas com a escolha do parceiro ou com a obediência às determinações de “parâmetros curriculares”. Relaciona-se com todas as esferas da vida. Relaciona-se com a organização da sociedade, às políticas da subjetividade, às relações de poder e até o sofrimento vivido por aqueles/as que ousam (ou não ousam, já que também sofrem) ir além dos artefatos materiais e simbólicos que identificam e enquadram seu gênero (ALEVATO, 2012, p. 84).

Partindo dessa ideia, Furlani (2008) aponta para a existência de oito tipos de abordagens da educação sexual no âmbito escolar e social, agrupando-as em dois blocos: um conservador/radical e o outro crítico/progressista. Assim, temos:

*A abordagem biológica-higienista:* centrada no desenvolvimento sexual do ser humano. Destaca as questões alusivas à biologia essencialista. O ensino é focado na promoção da saúde, reprodução humana, IST's, gravidez não planejada e etc. Por ser fundamentada no determinismo biológico, salienta que as diferenças entre mulheres e homens são resultantes das peculiaridades do corpo.

*A abordagem moral-tradicionalista:* É associada a princípios morais tradicionais. Corrobora a abstinência e privação sexual, defendendo-os como métodos eficazes de evitar gravidez e transmissão de IST's. Aponta o HIV/AIDS como sendo uma punição da “natureza” diante do comportamento sexual dos indivíduos. Apoiar os papéis sexuais tradicionais, além de incentivar a castidade, o casamento, a monogamia, etc. Desencoraja a prática sexual que não seja exclusivamente para fins de reprodução.

*A abordagem terapêutica:* Procura encontrar possíveis explicações para as vivências sexuais tidas como “anormais”. É centrada no caráter psicológico do indivíduo, objetivando conseguir a “cura” sexual. Indica que a homossexualidade, por exemplo, é um mal indesejado que pode ser resultante de “possessão demoníaca” e que, portanto, poderá ser curada através de certas terapias. Afirma que a ausência e cuidados do pai durante o desenvolvimento do menino pode provocar a construção da orientação homossexual. É sexista e misógina, pois considera que a mulher é incapaz de cuidar e educar o filho sem a ajuda e intervenção de um homem. Julga que todos os homens homossexuais, necessariamente, expressam comportamentos e trejeitos femininos. Geralmente essa abordagem é adotada por algumas igrejas que visam “curar” seus seguidores dos males sexuais.

*A abordagem religiosa-radical:* Usa o discurso bíblico para fundamentar as questões sobre uma sexualidade tida como “normal”. É praticada entre grupos religiosos. Acarreta homofobia, segregação racial e opressão sexista contra as mulheres. Enxerga o feminismo como ameaça para o modelo biparental de família. Essa abordagem preza por uma educação que afaste os jovens das “tentações da carne, drogas, bebidas e sexo fora do casamento”. Também defende a abstinência sexual. É contra a prática de sexo oral, anal ou uso de preservativos, pois entende que são coisas que ofendem a Deus.

*A abordagem dos Direitos Humanos:* Preza por uma prática educativa que dialogue com políticas públicas para o combate e minimização das injustiças e desigualdades sociais. É

comprometida com uma educação que englobe os grupos excluídos e vulneráveis socialmente, de maneira que favoreça a construção de uma sociedade mais humana e menos desigual.

*A abordagem dos Direitos Sexuais:* Surgiu a partir da “Declaração dos Direitos Sexuais”. Reconhece e preza pelo respeito aos grupos subordinados socialmente. Defende que o pleno desenvolvimento da sexualidade é primordial para o bem-estar individual, interpessoal e social do ser humano. Aponta os direitos sexuais como sendo direitos humanos universais e pertinentes a todos os indivíduos. Entende que a boa saúde sexual é consequência de um contexto que reconhece, respeita e exercita os direitos sexuais. Apoiar a equidade de gênero. É favorável ao empoderamento feminino e à luta pelos direitos sexuais das mulheres. Promove o enfrentamento e combate à exclusão social, lesbo-homo-bi-transfobia e a discriminação sexual. Enxerga a educação sexual como um processo educacional que precisa estar presente em todo o desenvolvimento humano.

*A abordagem emancipatória:* É fundamentada nas formulações e arguições de Paulo Freire. Enfatiza uma prática pedagógica dialógica e libertária. É contra a educação bancária. Defende uma educação sexual emancipatória, a qual se configura em uma intervenção qualitativa e intencional. Também adota a “Declaração dos Direitos Sexuais” como instrumento norteador de uma prática educativa emancipatória.

*A abordagem queer:* Rompeu com os modelos que definiam e legitimavam uma única identidade homossexual. Indica uma política da diferença que seria pós-identitária. Surgiu da cultura intelectual gay e lésbica e faz crítica aos modelos tradicionais de definição das identidades sexuais e de gênero. Defende a “desconstrução como um método de crítica literária e social”. Inicialmente o termo “queer” era usado de modo pejorativo com o intuito de discriminar os indivíduos que fugiam do padrão sexual heteronormativo. É contra as normas e formas de enquadramento classificatórios. Promove outros modos de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. Discute como cada identidade é construída e (des)valorizada socialmente.

Refletindo sobre essas diferentes abordagens e considerando, nesse caso, o desenvolvimento de uma educação sexual emancipatória, César Nunes (2011) faz-nos pensar sobre o quanto a sociedade atual que é pansexualizada, ou seja, a sexualidade está presente em todos os espaços, assim como em diferentes contextos. Além disso, é encarada de maneira quantitativa, valorizando o número de pessoas com quem se “transa”; mecânica, não tendo uma preocupação com o parceiro e cuidado com o corpo; genital e exibicionista, pautada na exposição despudorada dos corpos e incentivo a prática sexual alienada. Esse cenário é assegurado pela ditadura midiática, que enaltece a cultura do sexo em uma perspectiva

consumista, a qual preza por corpos magérrimos, no caso das mulheres, e malhados, no dos homens; além de banalizar as relações afetivossexuais, propagar a excitação e erotização precoce das crianças e adolescentes por meio do uso de vestimentas inadequadas, deixando-os sensuais desnecessariamente.

Ainda segundo César Nunes (2011), para que se desenvolva uma educação sexual emancipatória, justificada por uma ética sexual que possibilita uma moralidade coerente, é preciso, inicialmente, conhecer a historicidade, representação e modos de expressão sexual que foram construídos historicamente; as fases do desenvolvimento humano, de modo que haja compreensão das transformações que o indivíduo sofre no decorrer da vida e suas implicações na construção de sua sexualidade. A partir disso se tem um cenário favorável para o emprego da didática da sexualidade. Corroborando essa ideia, Vasconcelos (1971) afirma que,

Educação sexual é poder abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre as suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal (VASCONCELOS, 1971, p. 111).

Diante da assertiva acima, compreendemos que é preciso que os educadores pensem e construam caminhos para uma atuação didática significativa, de maneira que favoreça o desenvolvimento natural e emancipatório das crianças e adolescentes. Nesse sentido, torna-se primordial fomentar nos educandos a conquista de direitos e prerrogativas da vida adulta. Os docentes precisam saber intervir adequadamente sobre os discentes, ajudando-os na compreensão e construção da sexualidade emancipatória que contemple as dimensões afetiva, psíquica, biológica e moral. Do contrário, a falta de intervenção e/ou ausência no processo de educação sexual acarretará em danos consideráveis na autonomia e sexualidade dos indivíduos.

A seguir, apresentaremos a análise do comportamento das personagens (principalmente Mary e Bobby) do filme *Orações para Bobby*, expondo, nesse caso, os tipos de abordagens da educação sexual presentes no desenrolar da narrativa e as prováveis consequências na vida do protagonista. Para fundamentar o nosso estudo, estabeleceremos relações com as arguições de alguns teóricos que tratam sobre a educação sexual, de forma que possamos compreender significativamente como são tratadas as questões referentes à sexualidade no contexto desse filme. E assim, possibilitar, a partir de nosso diagnóstico, uma reflexão crítica/construtivista acerca desse tipo de temática no âmbito social e escolar e suas possíveis influências no desenvolvimento de uma aprendizagem edificante.

### 3 UM OLHAR SOBRE AS DIFERENTES ABORDAGENS DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM *ORAÇÕES PARA BOBBY*

O filme *Orações para Bobby* (*Prayers for Bobby*, 2009), produção de Damian Ganczewski e direção de Russell Mulcahy, é uma história baseada em fatos reais que mostra por meio das cenas fortes, sensíveis e emocionantes, a comovente e trágica trajetória de vida do jovem Bobby Griffith, que tinha vinte anos, filho de uma família evangélica tradicional/conservadora e que, durante a construção de sua identidade sexual, percebe que é homossexual. A mãe dele acreditava que Deus, em um primeiro momento, poderia curá-lo do “pecado” da homossexualidade. Querendo agradá-la, ele segue todas as suas orientações, porém fica cada dia mais depressivo, então resolve sair de casa e posteriormente comete suicídio.

O enredo de *Orações para Bobby* nos leva a refletir sobre os malefícios da falta de uma educação sexual fundamentada, por exemplo, em uma abordagem emancipatória, que contemple de maneira significativa as dimensões afetiva, psíquica, biológica e moral do ser humano. Ao observamos Mary (a mãe do Bobby), constatamos que ela é uma cristã extremamente devotada às doutrinas da Igreja Presbiteriana e que utiliza dos preceitos bíblicos para determinar o comportamento de sua família. Sendo assim, quando o filho Bobby revela ser homossexual, ela fica desesperada e começa a submetê-lo a terapias e ritos religiosos com o intuito de “curá-lo”. Considerando as argumentações de Furlani (2008) acerca das diferentes abordagens contemporâneas da educação sexual, notamos que Mary segue, em um primeiro momento, a abordagem religiosa-radical, pois se utiliza dos dogmas religiosos para condenar, reprimir e (re)educar a sexualidade do filho. Compreende-se que,

A abordagem religiosa-radical caracteriza-se pelo apego às interpretações literais da Bíblia, usando o discurso religioso como uma “incontestável verdade” na determinação das representações acerca da sexualidade “normal”. Presente em instituições e/ou em escolas religiosas, essa educação da vida sexual e afetiva [...] costuma ocorrer em encontros grupais ou individuais, em estudos bíblicos ou em pregações coletivas [...] (FURLANI, 2008, p. 23).

Ao analisarmos a atitude da mãe diante da descoberta da orientação afetossexual do filho, percebemos nitidamente que seu comportamento é regido pelo que Furlani (2008) afirma na assertiva acima. Consequentemente, esse tipo de atitude corrobora a reprodução de preconceitos, repressão da sexualidade e negação da diversidade sexual existente na sociedade.

Já em um segundo momento, quando se dá conta que o filho permanece “doente” mesmo depois dos ensinamentos religiosos, Mary decide obrigá-lo a passar por sessões de terapia com uma psicóloga, tencionando a (re) orientação da sexualidade de Bobby de modo que ele “se torne” heterossexual. Compreendemos, nesse caso, a forte presença da abordagem terapêutica, que segundo Furlani (2008)

[...] busca “causas” explicativas para as vivências sexuais consideradas “anormais” ou para os “problemas sexuais”. Afirmar ser capaz de obter a “cura” das pessoas. Essa abordagem apresenta, geralmente, conclusões simplistas, imediatistas, genéricas e universais para os fenômenos da vida sexual (FURLANI, 2008, p. 21).

A partir dessa afirmativa, entendemos que ao fazer uso de técnicas de terapia com o intuito de “curar” o indivíduo da livre expressão de sua orientação afetivossexual poderá acarretá-lo danos profundos, levando-o a desenvolver possíveis traumas na construção da sua sexualidade. Além disso, outro fato grave e nocivo é usar do fundamentalismo religioso, respaldado por uma moral-tradicionalista, para justificar o aparecimento de doenças e a repressão de uma educação sexual emancipatória. Foi exatamente dessa maneira que Mary agiu ao enviar panfletos ao Bobby, informando-o sobre o HIV/AIDS, indicando-lhe que seria um castigo divino pelas “práticas sexuais pecaminosas” e fruto da homossexualidade. De acordo com Furlani (2008, p. 20) essa é uma característica típica da abordagem moral-tradicionalista, pois “afirma que a epidemia de HIV/AIDS e herpes é uma demonstração de como a ‘natureza’<sup>4</sup> está fazendo uma espécie de desaprovação do comportamento sexual das pessoas”.

No entanto, depois de todas as tentativas de “cura” de sua homossexualidade, Bobby acaba não suportando a pressão e se joga de uma ponte, pondo fim à sua vida, suicidando-se aos vinte anos de idade. Só então Mary percebe o quanto seu filho precisava de apoio, compreensão, ajuda, orientação adequada, livre de preconceitos, condenação, imposição de comportamentos e repressão da livre sexualidade. É a partir dessa tragédia que ela começa a mudar de atitude, assumindo uma postura questionadora, reinterpretando os dogmas religiosos e lutando pelos direitos LGBTQI+<sup>5</sup> em memória de Bobby. Essa mudança de comportamento caracteriza elementos presentes na teoria *queer*, a qual “recusa, rejeita a posição de um essencialismo sobre a identidade sexual” (FURLANI, 2008, p. 35). Corroborando essa perspectiva, Louro (2018) destaca que:

---

<sup>4</sup> A autora destaca que a cartilha “Respeito ao Sexo – Encarando a Realidade”, por exemplo, mostra publicações religiosas como bibliografia e considera “natureza” sinônimo de Deus.

<sup>5</sup> Acrônimo utilizado para se referir às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, intersexuais. O símbolo “+” significa múltiplos significados (CADERNO GLOBO 12, jun. 2017).

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2018, p. 35).

Diante do excerto acima, percebemos que a teoria *queer* possibilita o questionamento de padrões impostos pela cultura binária e a heteronormatividade, provocando-nos inquietações, além de proporcionar uma reflexão significativa acerca das diferenças numa perspectiva positiva e valorativa do respeito mútuo. Ao se tornar uma ativista pelos direitos LGBTQI+, Mary evidenciou-nos a importância de ressignificar conceitos radicais e quebrar as barreiras impostas por uma sociedade que prega a padronização sexual em detrimento da segregação da diversidade. Tal sociedade fundamentada pelo binarismo alienado pode fomentar preconceitos e a propagação de discurso de ódio, que possivelmente provocará danos terríveis na vida do ser humano.

Enquanto analisávamos o enredo desse filme e observávamos o comportamento das personagens no desenrolar de cada uma das cenas, percebemos que as situações experienciadas pelo protagonista é bastante atual, considerando que vários jovens vivem em uma realidade semelhante a do Bobby, tendo, nesse caso, que ocultarem suas identidades e reprimirem suas orientações afetivossexuais. Nossa sociedade, no contexto político-social do momento, tem reproduzido uma abordagem conservadora extremista da educação sexual, a qual oprime os sujeitos, limitando-os a seguirem o binarismo heteronormativo.

Diariamente, os noticiários televisivos, as redes sociais e as mídias impressas têm nos revelado comportamentos de indivíduos arraigados por um discurso de ódio, que culmina em violência contra as minorias, segregando aqueles que fogem do modelo padronizado de comportamento e identidade de gênero. Nesse contexto, os LGBTQI+ têm sido atacados compulsivamente por grupos que defendem a hegemonia heterossexista. Ratificando essa lamentável realidade social, Borrillo (2016) afirma que,

A violência e a discriminação em relação a homossexualidade ocorrem, frequentemente, diante da maior indiferença da população. Com certa regularidade, ficamos sabendo que numerosos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais vivem com temor de serem agredidos simplesmente por causa de sua orientação sexual (BORRILLO, 2016, p. 107).

A própria escola tem reproduzido esse cenário, à medida que ignora a pluralidade de identidades de gênero existentes na sala de aula, reforçando comportamentos discriminatórios

e corroborando a evasão do público LGBTQI+, pois esses sujeitos não se sentem seguros e estimulados a participarem assiduamente do processo de ensino-aprendizagem. Sobre essa preocupante realidade que assola nossas escolas, Junqueira (2009) indica que,

Estudiosos e movimentos sociais de mulheres, negro/as, indígenas, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), entre outros, têm sinalizado a necessidade de gestores e sociedade refletirem mais radicalmente sobre políticas públicas de educação – os modelos educacionais, seus pressupostos, seus conteúdos, os valores que ajudam a (re)produzir – e confrontarem-nas com a diversidade que, não raro, ignoram ou desvalorizam (JUNQUEIRA, 2009, p. 161).

Diante dessa assertiva, verificamos que é indispensável que os gestores e demais profissionais da educação repensem sobre as práticas adotadas no cotidiano da sala de aula, reflitam sobre os impactos positivos e/ou negativos que determinada abordagem da educação sexual pode causar na formação dos estudantes. Com isso, poderão interferir significativamente, sugerindo políticas públicas que tornem a escola um local acolhedor, capaz de contribuir para a transformação social e formação cidadã dos discentes.

Convém ressaltar que a escola tem um papel social importante, à medida que representa um dos espaços de formação humana e que, portanto, precisa estar atenta as diferentes problemáticas que assolam a sociedade. Nesse contexto, criar meios para favorecer a tomada de consciência dos indivíduos, a cerca da violência gerada pelo preconceito, é um dos passos essenciais que ajudarão na adoção de medidas que visem reduzir o número de agressões e assassinatos de caráter *LGBTfóbicos*.

É muito importante desnaturalizarmos comportamentos homofóbicos que são disseminados frequentemente nos diferentes espaços sociais, os quais são respaldados por uma hegemonia heteronormativa. Pois, assim como Borrillo (2016, p. 106) afirma, “a homofobia é um preconceito e uma ignorância que consiste em crer na supremacia da heterossexualidade”. Desse modo, a resistência e enfrentamento contra tal preconceito passa por uma ação pedagógica que (re)signifique a ideia da homossexualidade como uma dimensão disfuncional e moral da sexualidade humana.

Assim, considerando a problemática abordada no filme em consonância com a nossa realidade educacional, elencamos alguns questionamentos relevantes: como o professor deve agir diante da presença de algum “Bobby” em sala de aula? Que medidas a escola pode adotar para evitar a exclusão e evasão dos LGBTQI+, garantindo-lhes o direito à educação básica, tornando-os protagonistas de seus processos de aprendizagens? As respostas para essas

indagações representam possíveis caminhos para assegurar uma educação inclusiva, emancipatória e construtiva.

Dentro dessa perspectiva, Louro (2007) afirma que,

Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável (LOURO, 2007, p. 203).

Refletindo sobre essa afirmação e direcionando nosso olhar para a realidade social atual, percebemos que é exatamente dessa maneira que se configura a sociedade brasileira, impondo normas de condutas que limitam as diferentes expressões de gênero e dimensões da sexualidade humana. Tais normas impulsionam atitudes que visam silenciar os sujeitos tidos como “anormais”, impedindo-os de viverem sua sexualidade plenamente e participarem ativamente na construção de uma sociedade democrática.

Desse modo, o interessante é desconstruirmos esse modelo alienado de educação, (re)significando-o, de maneira que seja promovido um ensino que contemple a convivência harmônica entre os sujeitos, fundamentado no respeito à diversidade, tolerância entre os desiguais e na solidariedade mútua (MELLO NETO; AGNOLETI, 2008).

Ainda sobre a necessidade de criar políticas públicas de educação adequadas à diversidade sexual e a efetiva aplicação da educação sexual nos contextos escolares, Junqueira (2009) afirma,

A criação de condições para lidar adequadamente com os temas relativos à diversidade sexual e aos direitos sexuais nas escolas depende, em grande medida, de políticas públicas de educação e mobilizações sociais que objetivem desestabilizar a produção de hierarquias, opressões e clivagens concernentes tanto aos padrões heteronormativos, que historicamente modularam e modulam as relações de gênero, quanto às dinâmicas de (re)produção de diferenças e desigualdades (JUNQUEIRA, 2009, p. 163).

Essa afirmação leva-nos a inferir que o desenvolvimento de políticas públicas educacionais, que têm a intencionalidade de incluir todos os sujeitos, precisam ser pensadas a partir de uma perspectiva de desconstrução de valores hegemônicos e reflexão das relações de poder que regem a sociedade. É preciso repensar o currículo, questionar privilégios de grupos que insistem em perpetuarem suas ideologias segregacionistas. É fundamental, portanto,

legitimar as diferentes realidades, expressões da sexualidade humana, identidades de gênero, para que possamos evitar a discriminação, exclusão social e/ou a morte de outros “Bobbys”.

Tal mudança passa, em um primeiro momento, pelo investimento na formação continuada de professores no que se refere a uma educação sexual inclusiva e emancipatória, para que sejam aptos a abrirem caminhos para a real inclusão da diversidade humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do filme *Orações para Bobby* e da relação estabelecida com as diferentes formas de abordagem da educação sexual apresentadas por Furlani, enxergamos a necessidade de uma prática da educação sexual que ajude na desconstrução de conceitos alienados determinados pelo radicalismo moralista e preceitos religiosos, coibição de preconceito, discriminação de gênero e orientação afetivossexual.

É preciso que essa educação seja desenvolvida considerando a diversidade sexual, as diferentes identidades de gênero e todas as dimensões da sexualidade, sendo, nesse caso, assegurada por uma ética sexual que possibilite uma moralidade coerente. É essencial promover a educação sexual emancipatória para que seja possível intervir, orientar, e ajudar significativamente na construção da saudável e plena sexualidade do indivíduo, de modo que não empurremos os jovens para o mesmo destino do Bobby.

Se faz necessário promover um discurso não intimidador, que abra possibilidades para o diálogo e as diferentes representações e/ou expressões da sexualidade humana, de maneira que possamos compreender que as subjetividades e identidades do ser humano não são realidades fixas e imutáveis. Com isso, só a partir de uma pedagogia inclusiva e fundamentada, principalmente, no princípio de conviver juntos é que será possível favorecer a visibilidade dos grupos minoritários, conferindo-lhes autonomia e legitimando suas vozes.

Portanto, é fundamental refletirmos sobre a construção de uma identidade sexual considerando a diversidade, respeitando as diferenças e as várias formas de expressão da sexualidade para que, dessa maneira, evitemos, possivelmente a reprodução de um modelo educacional que segrega, aliena e impede a criticidade dos indivíduos na convivência social. Contudo, a concretização desse cenário democrático e inclusivo só será, de fato, possível com a adoção de políticas públicas educacionais que ajudem na formação docente, na mudança de metodologias e assegurem práticas educativas emancipatórias.

## REFERÊNCIAS

ALEVATO, Hilda. Nexus & sexus: (trans) formações docentes. In: REIS, Maria Amélia de Souza; ALEVATO, Hilda (Orgs.). **Nexus & sexus: perspectivas instituintes**. Petrópolis, RJ: DP *et ali*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. 1. ed., 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FISCHER, Amalia *et al.* **Corpo**: artigo indefinido. Caderno Globo 12. São Paulo, jun. 2017. Disponível em: <<http://app.cadernosglobo.com.br/banca/volume-12/>>. Acesso em 21 ago. 2018.

FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. IN: FURLANI, Jimena (Org.). **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis, UDESC, 2008, p. 18-42.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs.). **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres – EdUnB, 2009, p. 161-193.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

MELLO NETO, José Baptista de; AGNOLETI, Michelle Barbosa. Educação para a Diversidade Sexual: a escola enfrentando a lesbo-homo-bi-transfobia. In: FLORES, Elio Chaves; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; MELO, Vilma de Lurdes Barbosa(Org.). **Educação em Direitos Humanos e Educação para os Direitos Humanos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

NUNES, César Aparecido. **Política, sexualidade e educação**. Revista Digital do Paideia v.3, n.2, 2011-2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635447/3240>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

ORAÇÕES PARA BOOBY. Direção: Russell Mulcahy, Produção: Damian Ganczewski. Estados Unidos: Daniel Sladek Entertainment, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TYAkCl6oVZM>>. Acesso em: 21 agosto de 2018.

VASCONCELOS, Naumi. **Os Dogmatismos Sexuais**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1971.